

TAXONOMIA DA CIÊNCIA DA RELIGIÃO: CONSIDERAÇÕES SOBRE TRÊS RAMOS DA DISCIPLINA¹

Fábio L. Stern²

Resumo: O objetivo deste artigo é introduzir a estudantes de ciência da religião critérios técnicos para que eles possam classificar seus estudos nos três ramos da disciplina. Nas partes iniciais, o artigo apresenta o estado da questão sobre taxonomias da ciência da religião no Brasil, defendendo a escolha pela classificação de Joachim Wach tal como atualizada pelo brasileiro Matheus O. Costa. Além disso, apresenta a teoria de ciência de Charles Peirce como facilitadora do entendimento dos ramos da ciência da religião propostos por Wach. O ramo dos estudos empíricos da religião é explicado destacando a abordagem indutiva, a necessidade das fontes primárias na pesquisa e a delimitação pelo estudo de uma única religião ou grupo religioso por vez. O ramo do estudo sistemático da religião é explicado pela dedução, utilização de revisão de fontes secundárias, a possibilidade de comparação entre mais de uma religião, e a possibilidade de teorização como objetivo final do estudo. Por fim, o ramo da ciência da religião aplicada é explicado como o ramo prático da disciplina, tendo como objetivo o desenvolvimento de intervenções práticas e a aplicação do conhecimento produzido pelos dois outros ramos na solução de problemas concretos da sociedade.

Palavras-chave: Árvore do conhecimento; Estudo sistemático da religião; Estudos empíricos da religião; Ciência da religião aplicada.

¹ Como citar: STERN, Fábio L. Taxonomia da ciência da religião: considerações sobre três ramos da disciplina. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 23, n. 44, p. 219-248, 2023.

² Professor do Programa de Pós Graduação em Ciência da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: flstern@pucsp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5642-0299>.

*TAXONOMY OF THE SCIENTIFIC STUDY OF RELIGIONS:
CONSIDERATIONS ON THREE BRANCHES OF THE DISCIPLINE*

Abstract: This article aims to introduce scholars of religion technical criteria so that they can classify their research into the three branches of the scientific study of religions. In the initial parts, the article presents the state of the question about taxonomies of the scientific study of religion in Brazil, defending the choice for Joachim Wach's classification as updated by Matheus O. Costa. Furthermore, it presents Charles Peirce's theory of science as a facilitator for understanding Wach's branches of the study of religion. The branch of empirical studies of religion is explained by highlighting the inductive approach, the need for primary sources in research, and the delimitation by the study of a single religion or religious group at a time. The branch of the systematic study of religion is explained by deduction, the use of a review of secondary sources, the possibility of comparison between more than one religion, and the possibility of theorizing as the ultimate goal of the research. Finally, the branch of the applied study of religion is explained as the practical branch of the discipline, having as its goal the development of practical interventions and the application of the knowledge produced by the other two branches to solve concrete problems in society.

Keywords: Knowledge tree; Systematic study of religion; Empirical studies of religion; Applied study of religion.

INTRODUÇÃO

Taxonomia diz respeito a métodos e critérios de se classificar as coisas, organizando-as em grupos e tipos. Como a classificação é uma forma elementar do pensamento humano, a maior parte das taxonomias é pautada em conhecimento empírico-popular ao invés de científico. Entretanto, quando falamos de taxonomia em uma ciência, entendemos o termo como oriundo da biologia, da taxonomia de Lineu do século XVIII, que classificou e dividiu os seres vivos em espécies, gêneros, famílias e tantas outras

categorias, de acordo com critérios objetivos que caracterizam cada ramo (Novo, 2010; Bicudo, 2004).

Com o tempo, outras ciências adotaram o método taxonômico da biologia, ao passo que classificações em ramos são comuns hoje em diversas áreas e para os mais diferentes objetos, inclusive na sociologia e na filosofia da ciência. Classificações da ciência estão presentes não apenas dentro de discussões metateóricas, mas também organizam políticas públicas para a ciência, das quais podemos citar o caso brasileiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) (Brasil, 2022) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) (Brasil, [s.d.]), que dividem as diferentes disciplinas em árvores de conhecimento, tanto quanto dos Estados Unidos, que padronizam as áreas acadêmicas ensinadas em suas universidades para que sigam um mesmo modelo taxonômico (NCES, [s.d.]).

Várias ciências possuem taxonomias bastante populares. As ciências sociais tendem a ser divididas em três ramos principais: a sociologia, a antropologia e a ciência política, cada qual com suas subdivisões. Já a biologia tradicionalmente se divide em botânica, zoologia e ecologia. Mesmo ciências muito mais antigas também possuem taxonomias, como a divisão da matemática em aritmética, geometria, álgebra e cálculo.

No caso da ciência da religião³, a taxonomia mais popular mundialmente é aquela criada por Joachim Wach (2018) em 1924, que a divide em dois ramos principais: (1) os estudos empíricos da religião (também conhecido internacionalmente como história das religiões) e (2) o estudo sistemático da religião (também conhecido como religiões comparadas). Com o crescimento internacional de discussões sobre ciência da religião aplicada na virada do século XXI, Udo Tworuschka (2018) e Matheus Costa (2019)

³ Não confundir a taxonomia da ciência da religião com as taxonomias da religião. Existem vários autores internacionais que propõem classificações para as religiões. O objeto aqui diz respeito aos ramos da própria disciplina, e não ao seu objeto.

passaram a sugerir o acréscimo de um terceiro ramo a essa taxonomia: (3) a ciência da religião aplicada.

O objetivo deste artigo é introduzir a estudantes de ciência da religião critérios técnicos para que eles possam identificar seus estudos como parte de um desses três ramos da disciplina. Como se trata de um trabalho de filosofia da ciência, adotamos o método argumentativo, central à filosofia, em grande medida dialogando com a teoria de classificação das ciências de Charles Pierce.

TAXONOMIAS BRASILEIRAS DE CIÊNCIA DA RELIGIÃO

Como quase todo curso brasileiro de ciência da religião foi fundado por pessoas sem formação em ciência da religião, o entendimento do que é a ciência da religião e, por consequência, sua taxonomia sempre foi muito confuso nas produções nacionais. Como tal, o estado da arte demonstra que muitos modelos taxonômicos coexistem no Brasil, alguns deles, inclusive, conflitantes com a legislação vigente.

O modelo mais famoso, adotado pela maioria dos programas em ciência da religião do Brasil, foi esboçado por Usarski em "O espectro disciplina da ciência da religião", que apresenta a antropologia da religião, a sociologia da religião e a psicologia da religião como "subdisciplinas clássicas da ciência da religião" (Usarski, 2007, sumário). Apesar de Usarski fazer uma das defesas mais vocais de que a ciência da religião é uma disciplina singular e com identidade própria, paradoxalmente a obra dele foi entendida no Brasil como sinônimo de que a ciência da religião é *locus* de vários cientistas (psicólogos, antropólogos, historiadores, sociólogos, linguistas etc.) que estudam religiões, num fazer multidisciplinar de ciências da religião (com "ciências" no plural), sem diferencial frente às outras humanidades. Isso fica claro em Camurça (2008, p. 61), quem explicitamente nega que a ciência da religião seja "uma disciplina própria dentro das Ciências Humanas, [...] mas sim de caráter pluridisciplinar", ou seja, apenas um espaço onde diversos pesquisadores se

reúnem para pesquisar religião, mas sem identidade própria e respondendo às normas dessas outras disciplinas.

Porém, classificar a antropologia da religião, a sociologia da religião ou a psicologia da religião como "sub-ramos" da ciência da religião gera disputas disciplinares indesejadas. O Estado brasileiro não reconhece a psicologia, a sociologia ou a antropologia como subdisciplinas ou subordinadas da ciência da religião. Afinal de contas, nenhum sociólogo diria que Durkheim e Weber são cientistas da religião ao invés de sociólogos, por exemplo, ou que a sociologia da religião é um sub-ramo da ciência da religião ao invés da própria sociologia. Do outro lado, quando um professor de ciência da religião diz que seus estudantes podem fazer suas pesquisas em um programa de ciências sociais, pois não haveria diferenças frente à ciência da religião, ele enfraquece a existência do próprio curso onde trabalha, além de fragilizar profissionalmente seus estudantes. Ainda que Camurça considere que um antropólogo da religião, um psicólogo da religião e um cientista da religião sejam equivalentes, do ponto de vista legal, a regulamentação das profissões de sociólogo (Brasil, 1980), historiador (Brasil, 2020) e psicólogo (Brasil, 1962) não autoriza a formação em ciência da religião como análoga às formações em ciências sociais, história ou psicologia. Em outras palavras, não se trata apenas de divergência de opinião, mas de se estar contra legislações que todo brasileiro é compelido a seguir, conforme o Art. 5, inciso II da Constituição (Brasil, 1988), que diz que todo brasileiro é obrigado a seguir o que está na lei. Um cientista da religião que se diz sociólogo da religião sem ter também formação em ciências sociais, por exemplo, pode ser processado por falsidade ideológica, já que a Lei Federal 6.888/1980 não reconhece a formação em ciência da religião como válida para alguém se apresentar publicamente como sociólogo.

Outra taxonomia brasileira da ciência da religião importante foi criada durante a década de 2010 pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Teologia e Ciências da Religião ANPTECRE. Nesse modelo, a disciplina é dividida em (1) epistemologia das ciências da religião, (2)

ciências empíricas da religião, (4) ciência⁴ da religião aplicada, e (4) as ciências da linguagem religiosa (ANPTECRE, 2012, p. 3). Essa divisão vai ao encontro da proposta inicial de Max Müller, que entendia que a ciência da religião poderia ter uma abordagem histórica (empírica), comparativa (na taxonomia da ANPTECRE descrita como "epistemológica") ou filológica (lingüística) de se estudar as religiões (cf. Strenski, 2015, p. 43).

O modelo da ANPTECRE influenciou diretamente a elaboração do "Compêndio de ciência da religião", que dividiu novamente a disciplina em outros quatro sub-ramos principais: (1) as ciências sociais da religião, (2) as ciências psicológicas da religião, (3) as ciências das linguagens religiosas, e (4) a ciência da religião aplicada (Passos e Usarski, 2013), uma mistura do modelo original de Usarski com o modelo da ANPTECRE.

Desde a criação da Área de Avaliação de Ciências da Religião e Teologia na CAPES em 2016, a taxonomia da ANPTECRE é a que aparece no Documento de Área (Brasil, 2016, p. 2; Brasil, 2019, p. 3-4). Porém, essa divisão nunca vingou, visto que quase nenhuma produção brasileira em ciência da religião sequer tenta classificar seus estudos em um desses ramos. Além disso, há uma confusão se a ciência da religião brasileira teria quatro ou oito ramos na taxonomia da ANPTECRE, já que no Brasil há pessoas que tendem a confundir área de avaliação com área do conhecimento e consideram que já que a ciência da religião e a teologia estão na mesma área de avaliação, que os quatro ramos que abertamente estão relacionados à teologia também seriam ramos para pesquisas em ciência da religião e vice-versa. Discordo desta leitura, visto que uma simples comparação lado a lado da taxonomia da ANPTECRE deixa evidente que ela foi pensada com quatro ramos equivalentes para cada disciplina, conforme se pode observar na tabela abaixo.

⁴ Apesar da ANPTECRE preconizar a nomenclatura "ciências da religião", esse ramo da taxonomia dela utiliza o termo "ciência" no singular.

Tabela 1: Taxonomia aprovada na assembleia da ANPTECRE de 8 de maio de 2012.

Ramos da ciência da religião	Ramos da teologia
Epistemologia das ciências da religião	Teologia fundamental-sistêmica
Ciências empíricas da religião	História das teologias e religiões
Ciência da religião aplicada	Teologia prática
Ciências da linguagem religiosa	Tradição e escrituras sagradas

Fonte: ANPTECRE, (2012, p. 3).

Tanto o estudo sistemático quanto a teorização da religião fazem parte do que Wach chama de estudo sistemático da religião. Na tabela da ANPTECRE, o primeiro ramo da ciência da religião apresenta apenas a palavra "epistemologia", que é a forma como esse coletivo de pensamento entende estudos que teorizam sobre algo. Mas o seu equivalente na teologia emprega a palavra "sistêmica", ligando-o ao estudo sistemático. Outro exemplo se dá no segundo ramo. Os estudos empíricos da religião também são conhecidos como história das religiões na literatura internacional, e o ramo equivalente para a teologia segundo a ANPTECRE (2012, p. 3) apresenta objetivamente o termo "história das [...] religiões". Então ao invés de oito ramos para as duas disciplinas, o que existe na prática são quatro ramos, que recebem nomes distintos de acordo com cada disciplina.

A própria história da Área de Avaliação de Ciências da Religião e Teologia na CAPES corrobora materialmente minha interpretação. Inicialmente a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) vetou que a ciência da religião aparecesse no título da área, fazendo com que suas referências fossem omitidas. Logo na reunião seguinte do conselho da CAPES, o então coordenador da área, Flávio Senra Ribeiro, reverteu a situação (Ribeiro, 2017), mas toda a primeira documentação da Área de Avaliação foi elaborada tendo em vista apenas a teologia (Stern, 2018). Como tal, a tabela oficial de taxonomias do órgão foi feita apenas com os quatro ramos

da teologia listados na Tabela 1, o que até o final de 2022 ainda não havia sido corrigido (cf. Brasil, 2022, p. 23). Se de fato são oito ramos para as duas áreas, por que oficialmente a CAPES só lista quatro em sua tabela? E se de fato os oito ramos dizem respeito tanto à ciência da religião quanto à teologia, por que quando a SBPC vetou a ciência da religião, justamente os quatro ramos da ANPTECRE que se referiam nominalmente à ciência da religião foram os que desapareceram dessa tabela oficial?

Embora se reconheça que o modelo da ANPTECRE está bastante ligado ao fazer acadêmico dos programas brasileiros de ciência da religião e que poderia ser mais bem desenvolvido, o estado da arte demonstra que isso ainda não aconteceu. Por este motivo, o presente artigo adota a taxonomia internacional de Wach, aceita por quase todos os países onde a ciência da religião está bem estabelecida, ao invés da classificação da ANPTECRE ou da proposta de Usarski. Em suma, o que a taxonomia da ANPTECRE chama de epistemologia da ciência da religião estaria dentro do que Wach chama de estudo sistemático da religião, embora este ramo seja maior para Wach do que apenas discussões teóricas. Já o ramo das ciências empíricas da religião da ANPTECRE está dentro daquilo que Wach entendeu como estudos empíricos da religião.

ENTENDENDO A TAXONOMIA DE WACH ATRAVÉS DE PEIRCE

O texto em que Wach apresenta sua taxonomia faz parte de seus prolegômenos⁵ de ciência da religião, originalmente publicados em 1924 como sua tese de livre-docência. O texto tem forte viés filosófico, focando-se em introduzir a então jovem ciência da religião a um público alemão que a

⁵ Texto acadêmico ampliado que discute o histórico do tema, seus desafios e limitações, e a perspectiva do autor, estabelecendo a abordagem e o escopo do trabalho. Era bastante comum na escrita acadêmica do século XIX, tendo sido substituído no século XX pela "Introdução", sua versão menor, mais simplificada e pragmática.

desconhecia, além de tentar convencer de que não se trata da mesma coisa que psicologia da religião, sociologia da religião, antropologia da religião, economia da religião, filosofia da religião ou teologia, citando apenas os exemplos por ele objetivamente mencionados (cf. Wach, 2018, em especial p. 249). Ainda que tenha a finalidade de apresentar a taxonomia da área, como Wach partia de uma realidade material em que seu público desconhecia o assunto, com vários acadêmicos da época confundindo todo estudo de religiões como sendo a mesma coisa, é possível notarmos muita fuga de foco, numa tentativa do autor de se antecipar aos seus vários críticos da época. Como tal, o produto final, apesar de se propor como um prolegômeno, é bastante complexo para uma introdução, de difícil leitura àqueles que estão entrando em contato com o tema pela primeira vez.

Para tentar resolver o problema, Costa (2019) considerou que estudar antes a teoria de ciência de Charles Peirce auxiliaria na compreensão de Wach. Para Peirce (1997), os ramos de uma ciência são distinguidos pelo seu objetivo fundamental e as classificações devem considerar que cada ciência tem problemas que lhe são peculiares, bem como abordam tipos de fatos particulares através de uma comunidade autorreferente que tem associações e publicações próprias. Em outras palavras, cada ciência busca responder a problemas que lhe são singulares, e priorizam as publicações de seus pares ao invés daqueles das outras ciências – ainda que, evidentemente, toda ciência precise estar aberta também às críticas das outras disciplinas.

Peirce (1997) entendia que há dois ramos principais da ciência: (1) um ramo teórico-empírico, com sub-ramos de descobrimento e de revisão, e (2) um ramo prático. Isso significa que as ciências teóricas têm objetos diferentes dos das ciências aplicadas. As ciências teóricas visam o conhecimento como um fim. Em outras palavras, entendem que uma investigação ou pesquisa pode ser relevante e justificável simplesmente por aumentar (sub-ramo de descobrimento) ou refinar (sub-ramo de revisão) o conhecimento sobre determinado tema. Já as ciências do ramo prático têm como objeto problemas concretos que exigem soluções práticas e a elaboração de técnicas. Ao contrário das ciências teóricas, que podem pesquisar pelo simples

acúmulo de conhecimento, as ciências aplicadas não realizam intervenções se não houver necessidade. Para ilustrar, a medicina é um dos exemplos clássicos de uma ciência prática. Nela, um médico não realiza uma cirurgia apenas para estudar um paciente se o paciente não necessitar da intervenção cirúrgica em primeiro lugar.

Ao aplicar a teoria de Peirce à taxonomia de Wach, Costa (2019) considerou que os dois ramos originais de Wach seriam equivalentes aos sub-ramos de descobrimento (estudos empíricos da religião) e de revisão (estudo sistemático das religiões), ambos do ramo principal das ciências teórico-empíricas. Cientistas da religião, contudo, não trabalham somente com pesquisas teóricas. Costa (2019, quadro 1, p. 54) menciona toda a tradição da ciência da religião brasileira no ensino religioso, citando também posteriormente autores internacionais como Chris Arthur (País de Gales), Udo Tworuschka (Alemanha), Clemens Cavallin (Noruega) e Russel McCutcheon (Canadá) que há tempos defendem aplicações práticas à ciência da religião. Por isso, tanto Tworuschka (2018, p. 46) quanto Costa (2019) propõem um terceiro ramo à proposta de Wach, o da ciência da religião aplicada, que estaria relacionado ao ramo prático da teoria peirciana.

Tabela 2 – Relação entre a teoria peirciana e a taxonomia de Wach.

Teoria da ciência de Peirce		Taxonomia de Wach atualizada por Costa
Ramo teórico-empírico	Sub-ramo de descobrimento	Estudos empíricos da religião
	Sub-ramo de revisão	Estudo sistemático da religião
Ramo prático		Ciência da religião aplicada

Fonte: Elaboração do autor (2023), com base em Costa (2019).

A respeito da autorreferência da ciência da religião, Wach criticava o entendimento de que psicologia da religião, filosofia da religião, teologia, sociologia da religião ou outras áreas similares seriam sub-ramos da ciência da religião. Para Wach, psicologia da religião e sociologia da religião, ainda

que possam ser muito úteis a cientistas da religião, são subdisciplinas específicas da psicologia e da sociologia.

A psicologia da religião emergiu de duas fontes. Deve seu primeiro florescimento à filosofia da religião. Mais tarde, foi vigorosamente nutrida por um movimento teológico que tentou expandir a dogmática em uma direção psicológica. Assim, a psicologia da religião não surgiu da ciência da religião ou do estudo empírico das religiões. É compreensível, então, que vários pesquisadores desejem tornar a psicologia da religião um ramo da psicologia propriamente dita (Wach, 2018, p. 251).

Já no caso da sociologia, ainda que Wach (2018, p. 250) reconhecesse que na França da década de 1920 sociólogos e cientistas da religião trabalhassem juntos (ou seja, autorreferenciavam-se), isso não era observado em outros lugares da Europa, como na própria Alemanha, onde Wach morava. Materialmente, sociólogos e cientistas da religião possuíam comunidades acadêmicas distintas. Além disso, o autor declarava que “estudar as relações entre religiões e cultura, religiões e o Estado, e religiões e sociedade não esgota as possíveis relações nas quais as religiões podem se encontrar” (Wach, 2018, p. 250-251), demonstrando um potencial maior na ciência da religião do que apenas nas ciências sociais.

A utilização de Peirce para o entendimento da taxonomia de Wach também se demonstra útil para resolver um entendimento comum na ciência da religião mundial: de que os dois ramos clássicos seriam antagônicos. Por exemplo, Hanegraaff (2017, p. 203-206) declara objetivamente que os estudos empíricos e o estudo sistemático da religião parecem ser metodologicamente incompatíveis, apresentando o ramo empírico como específico, atomista, descritivo, pautado nas particularidades, contingente, indutivo e relativista, enquanto o ramo sistemático seria universalista, generalista, dedutivo, revisionista, acumulativo e mais inclinado à elaboração de regras gerais e ao religionismo. Sobre o último ponto, isso se deu no entendimento internacional porque o estudo sistemático das religiões foi dominado por décadas pela fenomenologia clássica da religião, a qual possui muitas ideias

colonialistas (cf. Murphy, 2018) e teológicas (cf. Usarski, 2004). Como tal, alguns cientistas da religião começaram a disputar entre si pelo ramo que atuavam, naquilo que ficou conhecido internacionalmente como a "briga de métodos", com alguns advogando que é melhor ser um cientista da religião do ramo empírico e outros defendendo que é melhor ser um cientista da religião do ramo sistemático.

Com Peirce, percebemos que essa disputa não faz sentido. Toda ciência teórica faz pesquisas com fontes primárias tanto quanto revisão bibliográfica para sistematizar estudos anteriores. Não existe isso de um ramo ser melhor do que o outro, pois ambos são necessários. Além disso, cientistas da religião que utilizam empréstimos teórico-metodológicos da antropologia, sociologia, história ou psicologia, entendidos usualmente como sinônimos de estudos empíricos da religião, não operam exclusivamente no ramo de descobrimento, pois essas outras disciplinas também recorrem às revisões sistemáticas. Ademais, nem todo estudo sistemático ou comparativo da religião é pautado na fenomenologia clássica da religião. Logo, classificar o ramo sistemático como religionista é uma injustiça ou, no mínimo, um reducionismo.

Costa (2019) percebeu que a teoria de Peirce retira dos ramos a obrigatoriedade de estarem inclinados a uma metodologia específica, colocando nos objetivos do fazer científico a chave da sua classificação. Se o estudo se foca em fontes primárias (descoberta), independente de qual método de coleta ou análise é adotado, ele estaria no ramo dos estudos empíricos da religião. Se, em contrapartida, o cientista da religião parte de fontes secundárias para fazer uma revisão integrativa e reorganizar o conhecimento científico já acumulado (revisão), ele estaria no ramo do estudo sistemático. Por fim, se o objetivo é a elaboração de intervenções práticas de cientistas da religião (p. ex. fazer uma transposição didática da ciência da religião na educação básica, através do ensino religioso), ele estaria no ramo da ciência da religião aplicada.

ESTUDOS EMPÍRICOS DA RELIGIÃO

O primeiro ramo da ciência da religião é o dos estudos empíricos da religião, cujo objetivo é explicar como uma religião se faz, seu desenvolvimento e os princípios a ela inerentes (Tiele, 1897). É considerado o ramo mais antigo da disciplina, pois se pauta na própria proposta do surgimento da ciência da religião: ser uma ciência empírica, distinguindo-se dos estudos não empíricos da religião, como a teologia e a filosofia da religião.

Segundo Strenski (2015, p. 43), originalmente Max Müller separava os estudos empíricos da religião em dois ramos: (1) um relacionado ao método filológico, e (2) outro que englobaria todo outro tipo de abordagem de se estudar as fontes primárias de uma religião. Como Müller era filólogo de formação e dedicou muito de sua carreira a estudar a linguagem de textos sagrados, ele supervalorizou a abordagem de sua disciplina de origem. Mas a partir de Wach (2018), deixa-se de observar um ramo distinto apenas para os estudos linguísticos, filológicos e de textos e documentos sagrados, colocando-os junto dos outros estudos de fontes primárias em geral.

Segundo Wach (2018), é constitutivo dos estudos empíricos da religião o foco em uma religião ou grupo religioso específico. A compreensão de Wach é que se uma pesquisa trabalha com mais de uma religião, ela estaria já no campo da sistematização. Para um estudo ser considerado do ramo empírico, o cientista da religião deve evitar alegações universalizantes, restringindo ao máximo suas variáveis e preferindo explorar as particularidades e idiossincrasias de cada tradição estudada.

Para Tiele (1897, p. 28), o cientista da religião só pode discutir o desenvolvimento de uma religião depois de todo o seu curso ter sido traçado em pesquisa. Isso significa que, ainda que o objetivo final seja analisar esse desenvolvimento, os estudos empíricos da religião têm como característica a abordagem indutiva, ou seja, cujo tipo de inferência é probabilístico e fortemente pautado em dados concretos verificáveis. Em uma pesquisa do ramo empírico, os dados são coletados na íntegra antes de se iniciar a busca por padrões que apontem os porquês de certos fenômenos ocorrerem

e como eles se relacionam entre si. Os estudos empíricos da religião fazem uma investigação de baixo para cima, começando por observações específicas para somente no final do cronograma desenvolver as análises.

Os estudos do ramo empírico localizam as religiões na história, motivo pelo qual esse ramo também foi chamado internacionalmente de história das religiões (*history of religions*). Isso não significa, entretanto, que o ramo de estudos empíricos seja uma subdisciplina da história. Em outro lugar, o historiador de Carvalho (2017) analisou o que era chamado de história das religiões no século XIX, tentando identificar se estaria ligado à ciência história ou à ciência da religião. Considerando o que diziam Max Müller e Droysen, respectivamente os pais da ciência da religião e da história enquanto ciências normais, o brasileiro atestou que

a História das Religiões nasce, sem dúvida, da ideia de Ciência da Religião proposta por Müller, em obras como *Chips from a German Workshop* e *Introduction to the Science of Religion*, publicadas, respectivamente, em 1867 e 1873 (De Carvalho, 2017, p. 48).

Outro exemplo é encontrado em Eliade (1969, p. 1), quem diz objetivamente que traduziu o termo alemão *Religionswissenschaft* (lit. ciência da religião) como "*history of religions*" ao invés de "*science of religions*" por soar estranho aos nativos em língua inglesa utilizar "*science*" para se referir às humanidades.

Toda pesquisa do ramo dos estudos empíricos é impreterivelmente feita partindo de fontes primárias, ou seja, de materiais originais, usualmente êmicos, que fornecem relatos em primeira mão ou provas diretas dos acontecimentos, fenômenos, pessoas, ideias e ações das religiões investigadas. Tais pesquisas podem envolver o estudo de textos, documentos, artefatos, espaços, comportamentos, gestos e obras artísticas de toda natureza, históricos ou religiosos, sagrados ou profanos, além de toda forma de pesquisa

de campo, como a religiografia⁶, a pesquisa participante, a observação de campo, as entrevistas e o estudo de caso.

Como as fontes primárias fornecem provas diretas daquilo que está sendo investigado, esse ramo é considerado o alicerce da ciência da religião, pois como explica Hanegraaff (2017), são os estudos empíricos da religião que produzem novos conhecimentos na disciplina. Para Hanegraaff, o ramo sistemático depende muito mais de empréstimos teóricos das disciplinas auxiliares (p. ex. sociologia, antropologia, história, psicologia etc.), ao passo que tais empréstimos são opcionais no ramo empírico. Além disso, o ramo sistemático apenas reorganiza o conhecimento já existente ao formular novas teorias, sendo dependente do que foi produzido anteriormente pelas pesquisas empíricas.

Entretanto, a distinção entre o êmico das fontes primárias e as análises acadêmicas é um dos pontos inalienáveis para um estudo ser classificado como sendo científico ao invés de teológico (Platvoet, 1982, p. 5-6). Nesse sentido, Pye (2009, 2013) declara que os textos que lidam diretamente com o discurso êmico devem ser organizados em duas etapas: (1) uma *seção investigativa*, cujo foco está em caracterizar e entender o discurso êmico, apresentando os dados referentes ao objeto estudado; e (2) uma *seção analítica*, que além de explicar os dados levantados, correlaciona-os com outros fatores sociais externos. Em outras palavras, diferente da antropologia latino-americana, que tende a intercalar dados com análise de modo misturado, os textos da ciência da religião delimitam claramente o que é do discurso intrarreligioso (êmico) daquilo que é análise científica, preferindo metodologicamente separar na produção final aquilo que é da análise daquilo que é descrição

⁶ Utilizo o termo entendendo religiografia como o equivalente na ciência da religião da etnografia (cf. Dressler, 2013; Kearney, 2022). Nas humanidades, as -grafias (etnografia, sociografia, historiografia) assumem-se enquanto pesquisas com fontes primárias. Fazer levantamento prévio do que os pares já produziram é chamado de “estado da arte” na metodologia de pesquisa (cf. De Aragão, Mendes Neta, 2017, p. 47; Moresi, 2003, p. 35; Sá-Silva, De Almeida, Guindani, 2009, p. 6; Zanella, 2013, p. 51), o que na ciência da religião faz parte do estudo sistemático.

das fontes primárias em seções próprias do corpo do texto. Na prática, no Brasil isso ocorre pouco, até porque nossa tradição de estudos é eivada de influências importantes das ciências sociais, as quais muitas vezes foram constitutivas dos programas de ciência da religião existentes no país. Enquanto cientista da religião latino-americano, não vejo problemas em se adotar o modelo misturado típico de nosso continente, desde que na produção final o pesquisador deixe muito bem delimitado o que é discurso êmico e o que é análise ética⁷. Mas reconheço que separar o êmico e as análises em seções independentes, tal como preconiza Pye, facilita bastante que isso aconteça de forma inequívoca ao leitor.

Sobre os estudos empíricos focarem-se no desenvolvimento de uma religião, Wach esclarece que isso não diz respeito a uma simples descrição histórica ou ao estudo do surgimento do objeto pesquisado. Em suas palavras, "não é a evolução da religião o que mais interessa ao cientista da religião, é o 'tornar-se'" (Wach, 2018, p. 236). A criação de uma religião não ocorre de forma progressiva. As formas religiosas não possuem um desenvolvimento linear. Isso ocorre, como em todo aspecto da vida social, em períodos específicos e intercalados. Assim como as pessoas, as religiões nascem, crescem, florescem, transformam-se, podem dar origem a outras religiões e, eventualmente, declinam e morrem. Mas do mesmo modo que a humanidade continua independente da pessoa individual, a religião continua a se desenvolver apesar da queda de suas formas específicas.

Tiele (1897, p. 32-33) explica que o estudo do desenvolvimento das religiões é o estudo do desenvolvimento das pessoas religiosas que fazem parte dela. Não são as atividades, doutrinas, rituais ou concepções religiosas que evoluem. Elas são renovadas e modificadas por ação consciente dos agentes religiosos. Portanto, tais mudanças não são a evolução da religião em si, mas o seu resultado. O impacto disso, como descrito na proposta metodológica de Wach (2018, p. 240), é que os estudos empíricos da religião não devem se focar nem apenas na história da religião ou das formas religiosas em si, nem

⁷ Para mais informações sobre êmico e ético, ver Marchini (2022).

no estudo empírico das atitudes religiosas. Ele deve ser um estudo integrado de ambos, visando entender como mudanças das formas religiosas operam também mudanças de seu significado aos religiosos e vice-versa.

ESTUDO SISTEMÁTICO DA RELIGIÃO

O ramo do estudo sistemático da religião está relacionado ao sub-ramo de revisão da teoria peirciana de ciência. Parte da inferência dedutiva (Tiele, 1897, p. 18), visando à reorganização dos dados coletados sobre diferentes religiões pelos estudos empíricos e então a elaboração de uma proposição sintética mais geral do objeto. Segundo Freiburger (2018, p. 4), o ramo do estudo sistemático possui dois objetivos principais: explicar e comparar. Logo, trata-se do ramo responsável pelas teorias e definições de religião, além de ser onde se encontram os estudos comparados da religião, seja em uma abordagem que considera diferentes tradições (p. ex. cristianismo, budismo, hinduísmo, islã etc.), ou pelo estudo de vertentes distintas de uma mesma confissão (p. ex. diferentes tipos de pentecostalismo). Por isso, diferente do ramo empírico, o estudo sistemático da religião sempre leva em conta um número maior de variáveis, partindo de fontes secundárias de pesquisa.

O estudo sistemático da religião se popularizou com a fenomenologia clássica da religião, mas não se deve presumir que todo trabalho deste ramo será sempre fenomenológico. Como diz Vásquez (2011, p. 5), a tendência mundial do ramo sistemático é abandonar as categorias metaempíricas da fenomenologia clássica da religião (p. ex. sagrado, numinoso). Ainda que a abordagem clássica da fenomenologia – que é pessoal, intrarreligiosa, focada na experiência êmica e perspectiva em primeira pessoa – tenha historicamente dado a tônica do estudo sistemático da religião, cada vez mais isso têm sido considerado inadequado na ciência da religião mundial. Hoje, é mais usual que as produções do ramo sistemático sejam realizadas pela análise das condições sociais, históricas e biológicas que tornam possível a vivência religiosa para os religiosos, e quais são os seus efeitos no sujeito, na cultura

e na natureza. Isso se dá porque é impossível refutar a experiência subjetiva, os *qualia* e os sentimentos religiosos. Como um cientista pode demonstrar ser verdadeira ou falsa uma experiência religiosa ou um sentimento? Em termos naturalistas, sentimentos e experiências pessoais são dados naturais, não proposições ou alegações acadêmicas.

Por isso, cientistas da religião têm cada vez mais buscado por análises em terceira pessoa (perspectiva ética) mesmo em pesquisas do ramo sistemático, deixando a questão da subjetividade para outras disciplinas, como a psicologia da religião, a teologia e a filosofia. Diferente do discurso excessivamente metaempírico da fenomenologia clássica da religião, as dificuldades da abordagem ética se apresentam em sentido técnico, e não filosófico ou metaempírico. Em outras palavras, a religião é compreensível por categorias que podem ser verificadas materialmente, pois deixa de ser uma manifestação de algo irrefutável (p. ex. o sagrado, Deus ou a transcendência) para ser entendida como um sistema que ainda que seja tremendamente complexo, é constituído por processos passíveis de investigação que sejam falseáveis.

Wach (2018) ressaltava que mesmo um cientista da religião mais inclinado ao ramo empírico eventualmente necessita recorrer a questões do ramo sistemático e vice-versa. Mas por conta da "briga de métodos", descrita na seção sobre a teoria peirciana, existe uma tendência mundial de acadêmicos declarando que um ramo da ciência da religião pode existir independente do outro. Hanegraaff (2017, p. 202-203) é um exemplo de acadêmico que considera que o ramo empírico é mais importante, podendo existir sem o ramo sistemático. Do outro lado, podemos citar Jordan (1905, p. 8ss) como um cientista da religião que defende que o ramo sistemático é o mais importante na ciência da religião. Conforme argumentei, pela teoria de Peirce, não faz sentido ciências teóricas que não possuam ambos os ramos, pois não existe ciência que só levanta dados sem nunca os sistematizar, e nem há ciência que só sistematiza sem que os dados tenham sido colhidos em primeiro lugar. As ciências trabalham tanto com fontes primárias quanto secundárias. De qualquer forma, vale a pena discutir as posições supramencionadas, mas em uma nova óptica que entende sua inter-relação.

Para entender os argumentos de Hanegraaff, podemos lembrar as três abordagens mais comuns dos estudos sistemáticos de acordo com o próprio Wach (2018, p. 241): (1) abordagem empírico-sistemática (apresenta o "sistema" de algo sobre a religião, baseado em pesquisas empíricas anteriores); (2) por critérios geográficos, culturais, etnológicos e genealógicos; e (3) a abordagem temporal. Um cientista que estuda um grupo religioso específico (estudo empírico da religião) pode não ter qualquer pretensão de desenvolver uma teoria mais geral sobre religião (abordagem 1), sobre a religião na região ou grupo étnico estudado (abordagem 2), ou sobre a religião no período histórico em questão (abordagem 3). Mas apesar de defender a independência do ramo empírico, o próprio Hanegraaff (2017, p. 203) afirma que "sem pelo menos uma perspectiva sistemática rudimentar [...], a disciplina é incapaz de definir e demarcar seu próprio objeto, e se desfaz numa variedade de especificações". Em outras palavras, até é possível fazer somente estudos empíricos da religião, mas para que haja uma disciplina ciência da religião, é necessária alguma forma de perspectiva sistemática, mesmo que incipiente.

A argumentação de Jordan vai nesse sentido. Qualquer outra disciplina que pesquisa religião sem ser seu objeto principal pode fazer estudos empíricos da religião, mas quando se fala sobre "religião comparada" – outra forma pela qual o ramo sistemático é conhecido em língua inglesa –, dificilmente se fala sobre métodos comparativos em outras ciências. Usualmente o nome foi internacionalmente tido como sinônimo da própria ciência da religião, referindo-se especificamente a cientistas da religião e não a qualquer pesquisador de religiões de forma genérica. Strenski (2015, p. 35) cita que o próprio Max Müller utilizou inicialmente o nome "estudo comparado das religiões" antes de adotar "ciência da religião" como nome da área que criava. Isso destaca, segundo a tese de Jordan, que esse seria o grande diferencial da disciplina. Ainda que outras ciências possam estudar religião, não está na prioridade e aspirações centrais da antropologia, da sociologia, da história ou da psicologia elaborar teorias gerais sobre religiões ou fenômenos religiosos.

Além disso, outro fato que corrobora a ideia de Jordan é que algo similar ocorreu também no início da antropologia, quando etnologia e antropologia eram sinônimos. Hoje é cada vez mais raro encontrar programas de "etnologia" ao invés de "antropologia", mas a nomenclatura histórica demonstra que esse método foi considerado desde cedo central para os antropólogos.

Freiberger (2018, p. 5) comenta que no ramo sistemático, as pesquisas adotam dois modelos de pesquisa: (1) um que ele chama de iluminativo, e que estaria mais relacionado aos objetivos explicativos desse ramo, e (2) outro que ele classifica como taxonômico, relacionado aos objetivos classificatórios. Sobre o modo iluminativo, a comparação em si não deve ser entendida como um método em sentido estrito. No ramo sistemático, conforme explica Stausberg (2021), a comparação não substitui os métodos de análise e coleta de dados. Segundo o autor, comparar não é um método em si, mas uma abordagem que depende de outros métodos. Isso é corroborado também por Freiberger (2018, p. 2), que declara que comparações na ciência da religião só são produtivas se antes cada item a ser comparado tiver sido estudado individualmente, de forma independente e séria. O objetivo de um estudo comparativo é iluminar um determinado item histórico-empírico buscando seus pontos cegos nas pesquisas já existentes, desenhando-o comparativamente. Em outras palavras, o cientista da religião recorre a estudos que não necessariamente detalharam o novo ponto estudado, mas que juntos, em uma revisão integrativa, podem ajudar a iluminar o item em questão.

Sobre o segundo modelo, Freiberger (2018, p. 5) declara que suas pesquisas objetivam a formação ou modificação de tipologias metalinguísticas, classificações ou categorizações e, portanto, a formação de teorias sobre determinado objeto. Enquanto o modo iluminativo é assimétrico, as pesquisas pelo modo taxonômico são consideradas simétricas, porque cada "espécie" e um "gênero" recebe igual atenção do cientista da religião. Para se classificar algo, é necessário antes a identificação de determinadas características distinguíveis entre o objeto e as outras coisas existentes no meio. Essa lógica também se aplica às religiões: a classificação das religiões é um subproduto do próprio estudo comparado de religiões diferentes, pautado

em estudos prévios das religiões individuais, que passa a identificar nelas características passíveis de categorização.

O pai da fenomenologia da religião, Chantepie de La Saussaye (1940, p. 16-17), considerava que os métodos de classificação das religiões poderiam ser divididos em (1) *classificações genealógicas*, baseadas em troncos linguísticos, históricos, étnicos ou geográficos (p. ex. religiões semíticas, indianas, nórdicas); e (2) *classificações morfológicas*, cujas categorias são criadas pelo próprio pesquisador, visando responder ao seu problema de estudo (p. ex. religiões populares e religiões de fundadores). As classificações morfológicas são menos objetivas do que as classificações genealógicas, pois outro cientista, ao tentar reaplicar o mesmo método, pode discordar do que o pesquisador anterior compreendeu originalmente por cada tipo. Classificar as religiões como "guaranis" ou "africanas" (classificação genealógica), por exemplo, tende a encontrar menos questionamentos do que classificá-las como "religiões naturais" ou "religiões reveladas". É por isso que nunca houve uma tipologia morfológica que pudesse ser totalmente aceita. Mesmo categorias aparentemente naturalizadas, como a classificação do cristianismo enquanto uma religião monoteísta, pode enfrentar questionamentos ao se estudar a soteriologia ou a própria trindade em perspectiva ética.

Por fim, sobre o desenho de uma pesquisa no ramo sistemático, segue-se o mesmo utilizado nas revisões sistemáticas das outras ciências. O modelo de seis passos apresentado por Ercole, Melo e Alcoforado (2014, p. 9-10), ainda que oriundo da área da saúde, pode ser tranquilamente adotado também por cientistas da religião: (1) a delimitação do tema, (2) o estabelecimento dos critérios de inclusão e exclusão de estudos na busca na literatura e nas bases de dados, (3) a definição das informações que precisam ser extraídas dos estudos selecionados, (4) avaliação dos estudos incluídos, (5) interpretação dos resultados, e (6) elaboração do texto da síntese do conhecimento. Por conta disso, ao contrário dos estudos empíricos, o ramo sistemático possui um modo de pesquisa de cima para baixo, com as categorias e informações a serem encontradas na revisão sendo elencadas *a priori* das análises.

CIÊNCIA DA RELIGIÃO APLICADA

O terceiro ramo não existe na taxonomia original de Joachim Wach, tendo sido proposto por Tworuschka (2018) e Costa (2019) como uma atualização do modelo original. Na teoria de ciência peirciana, relaciona-se à aplicabilidade, à intervenção e à prática. Em outras palavras, em se empregar a ciência da religião para resolver problemas concretos da sociedade, que vão além das discussões científicas dos muros das universidades.

Costa (2022) tenta explicar a distinção entre os dois ramos teóricos (estudos empíricos da religião e estudo sistemático da religião) e o ramo prático (ciência da religião aplicada) pautado na própria divisão clássica entre ciências básicas e ciências aplicadas, que remonta pelo menos a Aristóteles. O autor mineiro diz que as ciências básicas estariam preocupadas em "saber que", enquanto uma ciência aplicada deseja "saber como". Nas palavras do autor:

As pesquisas aplicadas são realizadas para saber como fazer, para uma finalidade prática; as pesquisas bases são feitas para o saber que, para a produção de conhecimentos proposicionais, teóricos, incluindo quando são derivados de informações baseadas em fatos empíricos, observáveis, ou se preferir, fenômenos (Costa, 2022, p. 20, grifos do autor).

Como a aplicação, o "saber como", visa um agente ativo que fará determinada intervenção no mundo real, também é notada na produção internacional sobre ciência da religião aplicada uma preocupação pela função socioprofissional de pessoas formadas em ciência da religião. Para que serve um mestre ou doutor em ciência da religião? Como um licenciado em ciência da religião contribui com a educação básica? Em que trabalha um bacharel em ciência da religião? A busca para essas questões também se relaciona à ciência da religião aplicada. Por conta disso, a ciência da religião aplicada tem sido uma agenda mais defendida por aqueles que também entendem a ciência da religião enquanto disciplina autônoma ao invés de campo multidisciplinar.

Segundo Costa (2019, p. 28-29), a evidência mais concreta de uma ciência da religião aplicada seguindo esse novo modelo só começou a surgir após a década de 1980. Os cientistas da religião, especialmente após a virada material da década de 1990, começaram a dedicar mais atenção às agendas sociais sensíveis, como a crítica de gênero, o pós-colonialismo, a migração, a violência, o neofascismo e a intolerância religiosa. A própria produção de pesquisas especializadas na ciência da religião sobre esses temas levou à demanda interna de treinamento prático na ciência da religião, para que os cientistas da religião pudessem aplicar esse conhecimento às questões enfrentadas pela sociedade.

Por se tratar do ramo mais jovem, existe ainda muito desconhecimento a respeito do que é ciência da religião aplicada. O equívoco mais comum é cometido pelo próprio Tworuschka (2018), que apresenta uma proposta de função socioprofissional de cientistas da religião visando que pessoas formadas na disciplina assumam papéis que, na prática, são dos próprios fiéis. Como a principal preocupação de Tworuschka é estabelecer um diálogo entre as religiões visando à paz – agenda que vem das próprias religiões cristãs, em especial após o século XIX –, ele acaba por assumir propostas de aplicação da disciplina que borram as fronteiras do agnosticismo metodológico e que parecem se apropriar das funções de teólogos, sacerdotes e religiosos. Ainda que Tworuschka seja criticado por autores no Brasil (p. ex. Usarski, 2018; Costa, 2019), esse tipo de interpretação também se dá em língua portuguesa pelo equívoco de entender que ciência da religião aplicada se refere à "religião aplicada" ao invés da aplicação da ciência da religião. Como tal, entendimentos de que ciência da religião aplicada seria sinônimo de teologia prática não são incomuns.

Essa não é a proposta de Costa (2019; 2022). Para ele, é inalienável, para que uma prática seja considerada como ciência da religião aplicada, partir da aplicação dos conhecimentos, métodos e atitude teórica da própria ciência da religião. A teoria de Peirce (1997) corrobora que o ramo prático das ciências aplica o conhecimento científico que foi produzido pelo ramo teórico, até porque senão estaríamos a falar apenas de uma prática que não

necessariamente é científica. Em outras palavras, muitas coisas são práticas na vida, mas para que uma prática seja classificada como científica, ela precisa estar balizada pelo conhecimento técnico produzido pelas ciências teóricas.

É no espírito de Peirce que Costa (2022) defende como método mínimo para a ciência da religião aplicada que ela seja a aplicação de conhecimentos produzidos por cientistas da religião. O cientista da religião mineiro enfatiza que "a prática da [ciência da religião] aplicada depende, necessariamente, de ter como base a [ciência da religião] para se constituir como [ciência da religião] aplicada" (Costa, 2022, p. 20). O texto dele segue exemplificando o que seria utilizar a ciência da religião como base: balizar a intervenção prática com pesquisas que foram realizadas dentro de programas de ciência da religião e por pesquisadores formados em ciência da religião. Por exemplo, para que uma aula secular de ensino religioso seja considerada um exemplo de ciência da religião aplicada, impreterivelmente o professor de ensino religioso precisa recorrer a textos produzidos por cientistas da religião para elaborar sua aula. Se a aula, por outro lado, está baseada em filósofos, antropólogos, sociólogos, historiadores, teólogos e todo tipo de outros acadêmicos, mas não recorre a nenhum cientista da religião, como poderíamos classificar que se trata de um exemplo de aplicação da ciência da religião? É esse o tipo de questionamento principal que Costa (2022) faz em seu artigo.

Como a ciência da religião aplicada é um ramo novo, ela ainda está, em grande medida, em processo de elaboração. A área de aplicação mais reconhecida é o ensino religioso escolar, até mesmo por estar assegurada em resoluções e pareceres do próprio MEC, que atrelam o ensino religioso à licenciatura específica em ciência da religião (p. ex., Brasil, 2018a, p. 436; Brasil, 2018b, Art. 2). Entretanto, produções brasileiras também demonstram aplicações na área do turismo religioso, espiritualidade e saúde, jornalismo sobre religião, assessoria para parlamentares e equipes jurídicas sobre assuntos religiosos, comunicação de grandes massas (p. ex. elaboração de informes para peças de museu com cunho religioso), resolução de conflitos, produção de material didático, palestras e cursos livres, para citar algumas (cf. Soares, 2013; Stern e Costa, 2018; Costa, 2019, cap. 5). Atenta-se que

como geralmente ocorre nas outras ciências práticas, a ciência da religião aplicada também tende a fazer intercâmbios com outras áreas (p. ex. direito, jornalismo, história, medicina, turismo) para responder às necessidades específicas da ação, o que não necessariamente desconstitui a ciência da religião enquanto área singular. Como atenta Fleck (2010), nenhuma ciência é uma ilha que não estabelece diálogos extradisciplinares com outras áreas do conhecimento. Relembrando Peirce (1997), as ciências se diferenciam por operar dentro de comunidades com associações e publicações próprias, mas embora priorizem as contribuições internas, devem também estar receptivas às outras ciências. Em outras palavras, é lógico que no caso da aplicação da ciência da religião no turismo religioso, há uma intersecção entre duas áreas: a ciência da religião e o turismo. Mas conforme explica Costa (2022), para que um trabalho em turismo religioso seja da ciência da religião aplicada, há uma predileção profissional por fundamentar o trabalho através da produção específica dos dois outros ramos da ciência da religião do que simplesmente retirar tais dados de outras fontes que não da própria ciência da religião.

CONCLUSÃO

O objetivo desse estudo foi apresentar a taxonomia da ciência da religião, apresentando critérios técnicos mínimos para se classificar uma pesquisa na disciplina em um de seus três ramos principais. O ramo dos estudos empíricos foi caracterizado por ter objetivo de levantar novos dados sobre uma religião utilizando impreterivelmente fontes primárias, por adotar o método indutivo, e por restringir o estudo a apenas um grupo religioso, aconselhando a distinção no próprio corpo do texto finais, em seções separadas, do discurso êmico e da análise científica. O ramo do estudo sistemático foi caracterizado por ter como objetivo final explicar ou comparar religiões, criando teorias sobre a religião ou criando classificações de diferentes religiões. Foi dito que esse ramo utiliza uma abordagem dedutiva, trabalha com fontes secundárias,

e que é o diferencial da ciência da religião frente às outras ciências que também estudam religiões. O último ramo foi pautado na distinção clássica entre ciências teóricas (básicas) e ciências práticas (aplicadas), corroborando que a ciência da religião aplicada diz respeito tanto ao desenvolvimento de intervenções científicas pautadas na produção técnica feita em programas de ciência da religião quanto na preocupação pela profissionalização e inserção profissional de pessoas formadas em ciência da religião.

REFERÊNCIAS

ANPTECRE. *Relatório síntese da discussão sobre Árvore do Conhecimento na ANPTECRE*. Aprovado na Assembleia da ANPTECRE em 08 mai. 2012. São Paulo: ANPTECRE, 2012.

BRAND, Mattias. Cross-cultural generalisation in three research practices: historicising, comparing, and theorising in the study of religions. *Journal of Religious History*, Hoboken, v. 46, n. 4, p. 653-674, 2022.

BRASIL. Lei n. 4.119, de 27 de agosto de 1962. Dispõe sobre os cursos de formação em psicologia e regulamenta a profissão de psicólogo. *Diário Oficial da União*, Brasília, 5 set. 1962.

BRASIL. Lei n. 6.888, de 10 de dezembro de 1980. Dispõe sobre o exercício da profissão de sociólogo e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, 11 dez. 1980.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Lei n. 14.038, de 17 de agosto de 2020. Dispõe sobre a regulamentação da profissão de historiador e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, 18 ago. 2020.

BRASIL. *Tabela de Áreas de Conhecimento/Avaliação*. Brasília: CAPES, 2022. Disponível em: <<https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/>

acoes-e-programas/avaliacao/instrumentos/documentos-de-apoio-1/tabela-de-areas-de-conhecimento-avaliacao>. Acesso em: 21 dez. 2022.

BRASIL. *Árvore do conhecimento*. Brasília: CNPq, [s.d.]. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/web/dgp/arvore-do-conhecimento>>. Acesso em: 21 dez. 2022.

BICUDO, Carlos E. de M. *Taxonomia. Biota Neotropica*, São Paulo, v. 4, n. 1, [s.p.], 2004.

CAMURÇA, Marcelo. *Ciências sociais e ciências da religião: polêmicas e interlocuções*. São Paulo: Paulinas, 2008.

CHANTEPIE DE LA SAUSSAYE, Pierre Daniël. *História das religiões*. 2. ed. Lisboa: Inquérito, 1940

COSTA, Matheus O. *Ciência da religião aplicada como o terceiro ramo da Religionswissenschaft: história, análises e propostas de atuação profissional*. 253 f. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

COSTA, Matheus O. Condições e método básico para a prática da ciência da religião aplicada. *REVER: Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 13-29, 2022.

DE ARAGÃO, José Wellington Marinho; MENDES NETA, Maria Adelina Hayne. *Metodologia científica*. Salvador: UFBA, 2017.

DE CARVALHO, Flávio Rey. História das religiões seria história ou ciência da religião? Uma reflexão sobre questões metodológicas ligadas a essas disciplinas na transição dos anos 1860-1870. *Sacrilegens*, Juiz de Fora, v. 14, n. 1, p. 31-50, 2017.

DRESSLER, Markus. *Religiography: taxonomies of essences and differences*. In: DRESSLER, Markus. *Writing religion: the making of Turkish Alevi Islam*. New York: Oxford Academic, p. 186-238, 2013.

ELIADE, Mircea. *The quest: history and meaning in religion*. Chicago: University of Chicago, 1969.

ERCOLE, Flávia Falci; MELO, Laís Samara; ALCOFORADO, Carla Lúcia Goulart Constant. Revisão integrativa versus Revisão sistemática. *Revista Mineira de Enfermagem*, Belo Horizonte, v. 18, n. 1, p. 9-11, 2014.

FLECK, Ludwik. *Gênese e desenvolvimento de um fato científico*. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.

FREIBERGER, Oliver. Elements of a comparative methodology in the study of religion. *Religions*, Basel, v. 9, n. 38, p. 1-14, 2018.

HANEGRAAFF, Wouter J. Definindo religião, apesar da história. *Religare*, João Pessoa, v.14, n.1, p. 202-247, 2017.

JORDAN, Louis Henry. *Comparative religion: its genesis and growth*. Edinburgh: T. & T. Clark, 1905.

KEARNEY, Jonathan. From Nu ayrīs to Alawīs: the religiography of Mu ammad Kurd Alī. *Religions*, v. 13, n. 2, p. 1-25, 2022.

MARCHINI, Welder L. Êmico/ético. In: USARSKI, F.; TEIXEIRA, A.; PASSOS, J. D. (Orgs.). *Dicionário de ciência da religião*. São Paulo: Paulinas, Loyola, Paulus, p. 280-281, 2022.

MORESI, Eduardo. *Metodologia da pesquisa*. Brasília: UCB, 2003.

MURPHY, Timothy. Ciência da religião como discurso colonialista: o caso de Rudolf Otto. *REVER: Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 329-349, 2018.

NCES. *CIP 2020: The classification of instructional programs*. Washington: U.S. Department of Education, 2020. Disponível em: <<https://nces.ed.gov/ipeds/cipcode/Default.aspx?y=56>>. Acesso em 21 dez. 2022.

NOVO, Hildenise Ferreira. A taxonomia enquanto estrutura classificatória: uma aplicação em domínio de conhecimento interdisciplinar. *Ponto de Acesso*, Salvador, v. 4, n. 2, p. 131-156, 2010.

- PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank. *Compêndio de ciência da religião*. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013.
- PEIRCE, Charles S. *Escritos filosóficos*. Zamora: Colegio de Michoacán, 1997.
- PLATVOET, Johannes Gerhardus. *Comparing religions: a limitative approach*. Den Haag: Mouton, 1982.
- PYE, Michael. O estudo das religiões e o diálogo entre as religiões. *REVER: Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, v. 9, n. 3, p. 98-119, 2009.
- PYE, Michael. Getting into trouble with the believers: intimacy and distance in the study of religions. In: PYE, Michael. *Strategies in the study of religion: exploring methods and positions*. v. 1. Berlin: de Gruyter, p. 86-106, 2013.
- RIBEIRO, Flávio A. Senra. *Entrevista* [26 abr. 2017]. Entrevistador: F. L. Stern. Skype, 2017. Arquivo "Senra.acd-zip". Duração da gravação 14min 29s.
- SOARES, Afonso Maria Ligorio (Org.). Parte V: ciência da religião aplicada. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (Orgs.). *Compêndio de ciência da religião*. São Paulo: Paulus; Paulinas, p. 571-689, 2013.
- STERN, Fábio L. A criação da área de avaliação ciências da religião e teologia na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). *Espaços*, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 73-91, 2018.
- STERN, Fábio L. A criação da área de avaliação Ciências da Religião e Teologia na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). *Espaços*, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 73-91, 2018.
- STERN, Fábio L.; COSTA, Matheus O. (Orgs.). *Ciência da religião aplicada*. Porto Alegre: Fi, 2018.
- STAUSBERG, Michael. Comparison. In: STAUSBERG, Michael; ENGLER, Steven (Eds.). *Routledge handbook of research methods in the study of religion*. 2. ed. Londres/ Nova Iorque: Routledge, p. 15-33, 2021.

STRENSKI, Ivan. *Understanding theories of religion: an introduction*. 2. ed. West Sussex: Blackwell, 2015.

TIELE, Cornelius Petrus. *Elements of the science of religion*. Edimburgo; Londres: William Blackwood & Sons, 1897.

TWORUSCHKA, Udo. Considerações sobre a ciência prática da religião. Em: STERN Fábio L.; COSTA, Matheus O. (Orgs.). *Ciência da religião aplicada: ensaios pela autonomia e aplicação profissional*. Porto Alegre: Fi, p. 31-61, 2018.

USARSKI, Frank. Os enganos sobre o sagrado: uma síntese da crítica ao ramo “clássico” da fenomenologia da religião e seus conceitos-chave. *REVER: Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, v. 4, n. 4, p. 73-95, 2004.

USARSKI, Frank (Org.). *O espectro disciplinar da ciência da religião*. São Paulo: Paulinas, 2007.

USARSKI, Frank. O pesquisador como benfeitor? Reflexões sobre os equívocos da ciência prática da religião e sua alternativa. In: STERN, Fábio L.; COSTA, Matheus O. (Orgs.). *Ciência da religião aplicada: ensaios pela autonomia e aplicação profissional*. Porto Alegre: Fi, p. 63-77, 2018.

VÁSQUEZ, Manuel A. *More than belief: a materialist theory of religion*. New York: Oxford University Press, 2011.

ZANELLA, Liane Carly Hermes. *Metodologia da pesquisa*. 2. ed. Florianópolis: UFSC, 2013.

Recebido em: 24/03/2023

Aprovado em: 05/04/2024

ENSAIO VISUAL